



# DOSSIÊ

Língua de sinais

organizado por

Evani Viotti

---

## APRESENTAÇÃO

---

■ **A**s últimas décadas do século XX e o início do século XXI têm testemunhado a ocorrência de uma mudança de postura científica e acadêmica em várias áreas do conhecimento. A Modernidade, que desde o século XVII vinha pregando a busca pela certeza, pelo rigor lógico e pela exatidão matemática, está abrindo espaço para uma nova era, que deixa entrar na cena das ciências aquilo que por tanto tempo foi posto de lado – os detalhes concretos da vida e da natureza, com suas idiossincrasias, inconstâncias e incertezas. A investigação científica passa a se concentrar não tanto mais nas leis universais e abstratas, mas na complexidade das estruturas e dos processos concretos que caracterizam o mundo da vida.

Em nosso dia a dia acadêmico, é difícil dar-mo-nos conta dessa mudança epistemológica por que passamos. Ela é lenta, gradual, mas já tem deixado claras marcas nos mais diversos campos de investigação, como os da matemática, da física, da química, e de algumas das humanidades. No caso da linguística, essa mudança ainda está engatinhando. Forjada no final do século XIX, fortemente calcada nos ideais da Modernidade, a ciência da linguagem surge para investigar aquilo que existiria de sistemático e homogêneo nas línguas humanas. A busca por princípios abstratos e formais subjacentes a todas as línguas é a força motriz de grande parte das pesquisas feitas a respeito das mais diferentes línguas naturais durante boa parte do século XX. A reação a essa tendência vem por meio dos estudos do discurso, da análise da conversação e da sociolinguística, cujos interesses estão na língua como ela é usada pelos seres humanos, em situações reais de comunicação. Mesmo assim, a pressão pela busca de exatidão lógica imposta pelo ideal de ciência concebido pela Modernidade faz com que muito daquilo que entra em jogo em interações comunicativas – e que não se adapta ao rigor matemático almejado pela ciência moderna – ainda fique fora das hipóteses explicativas do que são língua e linguagem.

A linguística das línguas sinalizadas não escapa dessa orientação moderna sobre o fazer científico, até porque, desde seu início, teve o ônus de provar, para a comunidade acadêmica, que as línguas de sinais são línguas naturais.

Para ressaltar que línguas sinalizadas compartilham uma séria de características com as línguas orais, a investigação dessas línguas vem se valendo, substancialmente, do mesmo arcabouço teórico e da mesma metodologia desenvolvidos para a descrição e explicação das línguas orais. A partir das observações iniciais feitas por William Stokoe de que as línguas sinalizadas se estruturam a partir da combinação dos parâmetros de configuração de mão, localização e movimento, as pesquisas sobre as mais variadas línguas de sinais vêm mostrando que a gramática dessas línguas pode ser descrita e explicada seguindo o mesmo rigor lógico e formal que caracteriza a linguística tradicional.

Esse percurso assumido pela linguística das línguas de sinais, entretanto, deixou para trás uma outra observação pioneira de Stokoe: a de que a modalidade visual-gestual traz para as línguas sinalizadas uma dimensionalidade diferente da das línguas orais. Enquanto as línguas orais se organizam em uma única dimensão temporal que se expressa nos níveis segmental e suprasegmental, as línguas sinalizadas se valem de quatro dimensões – a da temporalidade e mais três que envolvem um corpo presente e agindo no espaço. Stokoe, já em seus trabalhos iniciais, deixava claro que o desafio da linguística das línguas sinalizadas é justamente o de estabelecer o quanto a gramática dessas línguas está associada a essa dimensionalidade e como essa associação é feita.

Quem observa situações reais de discurso sinalizado não pode deixar de notar a ampla exploração que os surdos fazem dessa quadridimensionalidade característica de suas línguas. Pantomimas e todos os tipos de gestualidade permeiam ou ocorrem simultaneamente a sequências de sinais e contribuem substancialmente para a construção da significação. Mas assumir a importância que essa gestualidade tem nos discursos sinalizados é problemático para uma linguística calcada nas premissas da Modernidade. Gestos são analógicos, não segmentais e não categóricos, diferentes, portanto, das unidades discretas, segmentais e claramente definidas com que a linguística tradicionalmente opera. Para integrar a gestualidade e a pantomima às análises de fatos reais de língua em uso, a linguística precisa se libertar das amarras que a prendem na era moderna.

A antropologia e a psicologia, talvez menos cerceadas que a linguística pelo ideal de ciência calcado na lógica e no rigor matemático, vêm, há algumas décadas, apontando a relevância, para a construção da significação, da gestualidade que acompanha a fala nos discursos de línguas orais. Mesmo no caso dessas línguas, a linguística só recentemente tem se aberto à perspectiva de considerar língua e gesto como manifestações de um único sistema semiótico, e, ainda assim, de maneira muito parsimoniosa. Mas no caso das línguas sinalizadas, essa abertura é premente. A gestualidade é crucial para a criação do léxico, para o estabelecimento das relações gramaticais, da significação, e da coesão e coerência discursivas dessas línguas. Para descrevê-las e explicá-las, não podemos continuar varrendo a gestualidade para debaixo do tapete, em nome da preservação de uma elegância teórica que empiricamente não se sustenta. Precisamos, sim, questionar as ideias sobre as quais a linguística se assenta, buscando novas perspectivas de observação e novos modos de entendimento dos fenômenos que se colocam diante de nós.

Os trabalhos que compõem este dossiê sobre línguas de sinais se alinham àqueles que têm mostrado a relevância de alargar os horizontes da linguística para incluir aquilo que está além do que pode ser descrito de maneira categórica e lógica. Os trabalhos aqui apresentados resultam de pesquisas que investi-

gam as relações entre língua e gesto em sinais e em discursos sinalizados. Sua leitura pode, naturalmente, levar à conclusão de que essa parceria entre língua e gesto é uma característica exclusiva das línguas de sinais, que as torna diferentes das línguas orais. Mas quando observamos situações reais de uso de línguas orais, não podemos deixar de notar que lá também a parceria entre língua e gesto se mantem, como já vem sendo demonstrado. O que acontece, então, é que tanto línguas orais quanto línguas de sinais fazem amplo uso de elementos semióticos de diferentes tipos, alguns mais gradientes do que outros, alguns mais analógicos do que outros. O problema é que a definição tradicional da linguística sobre o que constitui a língua humana ficou restrita àquilo que satisfaz os cânones impostos pelo ideal de ciência moderna. É preciso rever essa posição. As investigações sobre as línguas sinalizadas podem ajudar a ciência da linguagem a abrir novos caminhos de pesquisa, a levantar novas questões, e a se colocar novos desafios.

Evani Viotti  
Universidade de São Paulo (USP)